

13-05-2025

ROSTOS DE MESTRES E MESTRAS

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Ítalo Calvino, ensaísta, professor, romancista e teórico da literatura, deve ter razão: falta muito que ler nos textos do mundo. Falta ler uma folha que cai, a réstia de luz que atravessa o vão da janela, o barulho do sovaco. Há ainda que saber: todo texto possui subtextos. Todo subtexto se conecta com outros textos. E assim se dá o encontro aberto e complexo do leitor com os textos. Mais que encontro, o que ocorre é um casamento poligâmico e de amor livre. Falta ler e compreender rostos de mestres e mestras, especialmente quando essas figuras de referência expõem, em aula, em palestras, em reuniões ou num círculo de orientação, uma ideia. Ao exporem matizam seus rostos, de maneira a nos conduzir a uma pergunta filosófica: que relações há entre rostos e ideias? José Carlos Libâneo, meu nobre orientador de mestrado, com limpidez argumentativa, quando apresentava um raciocínio metódico e articulado em grau de profundidade, tinha as faces coradas de vermelho. As duas orelhas seguiam a cromática epistemológica do rosto, também se tingiam de vermelho. O mesmo ocorria com Ged Guimarães, filósofo e anedotólogo. Quando a sua concentração chegava próxima ao máximo, o sangue do organismo, como num vapor em alto-mar, pulava para as orelhas. A beleza do encadeamento perspicaz e original de suas ideias era proporcional à cor do rosto. Angelita Pereira de Lima, com voz serena e feminina, com fôlego pulando em acrobacias, com olhar intumescido, tinha um vergão vermelho cobrindo-lhe o pescoço. A sua boca ganhava um leve toque da língua quando, ao citar Walter Benjamin e Virginia Woolf, num entusiasmo triunfalista, chegava à síntese da citação. Nesse momento, recobrando o fôlego, imediatamente o rosto era apaziguado de uma candura de verão cerratense. O mestre Ailton Freire dizia que sentia no corpo, tal como as vacas percebem raios, a iminência de resolver um problema de matemática que almejava solucionar. Quase se pode dizer: nenhuma pessoa esconde o rosto das ideias. Contudo, os rostos dos mestres e das mestras, de todos e de todas, se ruborizam em situações tensas, por paixão, por raiva, por simpatia. Se sabe, muito bem, que a cor do rosto das pessoas indiferentes é anêmica e descorada qual açafrão adoecido.

Aliás, há uma história medievalesca que elucida a matéria.

Havia um rei que governava o seu ducado com armas.

Sabia esse rei que o governo, naquela época, era sinônimo de guerras. Havia em seu mundo apenas duas possibilidades: conquistar territórios com as guerras, ou perder o seu com derrotas.

Certa vez planejou, com detalhes beligerantes e silêncio estratégico, invadir um reino. Primeiramente, aniquilaria os soldados, depois os séquitos do rei e, enfim, o rei daquele faustoso reinado. De repente, no dia marcado para efetivar a invasão, sentiu explodir algo em seu estômago como uma galáxia louca. Sem que governasse a si mesmo, excrementos saíram como bombas. O bombardeio de dentro para fora não parava. Como disparos de uma fortaleza fétida, já não sentia haver algo sólido de seu curtume azinhavrado. Seu rosto se melava em suor. O guarda-mor tratou de pegar toalhas originadas da Pérsia para enxugar o rosto do rei. Não teria outra alternativa. Pediu que a sua artilharia fosse contida até restaurar a dignidade de sua honra orgânica. A guerra estava suspensa até a sua bosta se conter. Mas não passava. Resolveu então tirar do plano a conquista do novo reinado. Falido, com o rosto moribundo e mortiço, teve que, até morrer, ser objeto de um apelido: *“o rei cara de bosta”*. Parece que a lição dessa história é suficiente para que se entenda isso: o rosto possui caráter e outras mensagens em seu subtexto. João Alves de Castro, geógrafo seminal de Goiás, tinha rosto de criança. Marcos Bueno, psicólogo transpessoal, poeta e professor, tinha o rosto acolhedor. Tania Maia, psicóloga e cantora, um rosto sapeca. Elza Staciari, um rosto seguro e materno. Poetas possuem rostos alegres, como são os casos de Manoel de Barros e Elisa Lucinda; possuem rostos tenros e profundos, como Carlos Drummond de Andrade e Mário Quintana. Há os de rostos infantis como Leminski e Bandeira... Todos os cantores e todas as cantoras, ao cantarem, enunciam o rosto como se fizessem um gol desejando, por certo, a ternura do rosto de Gal. Depois de muitos anos trabalhando na Educação, descobri ser o rosto a primeira mensagem das aulas. Tudo bem. Eu sempre quero ter um rosto apetitoso, corajoso, entusiasmado, vibrante e vermelho para chegar às aulas, mas nem sempre isso é possível. E o melhor: não é possível mascarar a cor do rosto. Nele repousam a verdade íntima e a cor legítima acima dos contratos de gentileza. É possível que, em algumas aulas, eu chegue com o rosto sopesado de dúvidas e de tensões, pois a imperfeição é a lei humana. Essa matéria - a imperfeição - é facilmente justificada. Não se vê tudo de uma coisa; não se toma posse absoluta nem dos próprios sentimentos e não se sabe o que, agora, está acontecendo com cada um de nós. Porém, a minha pretensão é a de chegar com o rosto de Garrincha, com o de Carlitos, ou o de Elis cantando “como os nossos pais”.

Vamos ao mundo, sim, com a cor do rosto.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.